

TRATO PEDAGÓGICO DO FUTEBOL NO ENSINO FUNDAMENTAL: VIVÊNCIAS A PARTIR DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO

Elda Aparecida Couto Pimentel¹

Universidade do Estado da Bahia - CAMPUS XII

Jutânia Teixeira dos Santos²

Universidade do Estado da Bahia - CAMPUS XII

Nadson Santana Reis³

Universidade do Estado da Bahia - CAMPUS XII

Resumo: O presente artigo trata de um relato de experiência do estágio supervisionado do curso de Licenciatura em Educação Física pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB-CAMPUS XII), estágio este que foi desenvolvido nas aulas de Educação Física, na turma do 1º ano do Ensino Fundamental de uma Escola Municipal da Rede Pública de Ensino, situada na Cidade de Guanambi-BA, perfazendo duas horas/aulas semanais nas sextas-feiras, no turno vespertino com 23 alunos com idades entre 6 e 7 anos. Este relato tem como objetivo refletir sobre as vivências do futebol no Ensino Fundamental (anos iniciais), e se justifica pela necessidade de trabalhar este conteúdo neste nível de ensino. Para subsidiar as nossas intervenções fizemos uso da abordagem crítico-superadora do Coletivo de Autores, visto que esta se respalda no discurso da justiça social, no contexto da sua prática, e busca levantar questões de poder, interesse e contestação. Faz uma leitura dos dados da realidade à luz da crítica social dos conteúdos possibilitando reflexões sobre a realidade dos homens. Desta forma, salientamos que este estudo se aproxima da pesquisa-

¹ Graduanda no curso de Licenciatura em Educação Física pela Universidade do Estado da Bahia, (UNEB - CAMPUS XII, GUANAMBI-BA). Faz parte do grupo de Pesquisa Agente/Uneb, desenvolvendo estudos/pesquisas nas áreas de Educação Física Escolar e políticas públicas de Esporte e Lazer. E-mail: dinhapimentel02@gmail.com

² Graduanda no curso de Licenciatura em Educação Física pela Universidade do Estado da Bahia, (UNEB - CAMPUS XII, GUANAMBI-BA). Faz parte do grupo de Pesquisa Agente/Uneb, desenvolvendo estudos/pesquisas nas áreas de Educação Física Escolar e políticas públicas de Esporte e Lazer. E-mail: jutania87@hotmail.com

³ Mestre em Políticas Públicas de Esporte e Lazer pela Universidade de Brasília e, atualmente, faz Doutorado pela mesma universidade (UnB). Trabalha como professor substituto no curso de Educação Física da Universidade do Estado da Bahia/UNEB - Campus XII em Guanambi-Ba. Faz parte do Grupo de Pesquisas Avante/UnB [Grupo de Pesquisa e Formação Sociocrítica em Educação Física, Esporte e Lazer] e Agente/Uneb, desenvolvendo estudos/pesquisas nas áreas de Educação Física Escolar e políticas públicas de Esporte e Lazer. E-mail: nadsonsr@hotmail.com

ação que tem como propósito quebrar a lacuna existente entre teoria e prática, na qual utilizamos o diário de bordo para realizar registros dos acontecimentos e fatos marcantes das aulas que seria pertinente a nossa formação e atuação, auxiliando ainda na construção deste relato. Em suma, ressaltamos a importância de se trabalhar o futebol neste nível de ensino, pois este não é apenas um passatempo, mas sim um meio educacional capaz de socializar e ensinar.

Palavras chave: Ensino Fundamental (anos iniciais). Estágio Supervisionado. Futebol.

1 Introdução

O estágio é um campo de conhecimento e parte fundamental no desenvolvimento da formação de futuros professores. Assim sendo, Corte e Lemke (2015) salientam que o estágio supervisionado permite aos futuros professores conhecer, analisar e refletir sobre o seu campo de trabalho, em que o estagiário deve enfrentar a realidade munido das teorias aprendidas durante o curso, das reflexões por meio da prática docente que já foi observada, das experiências e das habilidades que estes já viveram e/ou vivem enquanto aluno, e das concepções sobre o que é ensinar e o que é aprender, desenvolvendo assim um bom trabalho e agregando sempre novos conhecimentos e vivências na sua bagagem acadêmica, científica e cultural.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) de Educação Física (1997, p. 38) destacam que “Os esportes são sempre notícia nos meios de comunicação e dentro da escola; portanto, podem fazer parte do conteúdo, principalmente nos dois primeiros ciclos, se for abordado sob o enfoque da apreciação e da discussão de aspectos técnicos, táticos e estéticos”. O documento ressalta que é grande a gama de esportes existente no Brasil, afirmando que cada cidade, cada região e cada escola têm uma realidade e conjuntura, na qual possibilita a prática de uma parcela desta gama, mostrando ainda algumas possibilidades que pode ser ampliada ou reduzida para contemplar este conteúdo que é tão vasto.

Neste viés, Calisto (2016) afirma que o futebol não é um simples passatempo, e sim um meio educacional que é capaz de socializar e ensinar proporcionando conhecimentos e desenvolvimentos físicos, sociais, afetivos e intelectuais às crianças, e a escola é o local ideal para proporcionar esses momentos de aprendizagem, desenvolvimento e experimentos para todos que fazem parte do seu corpo discente.

Desta forma, este estudo tem por objetivo refletir sobre as vivências do futebol no Ensino Fundamental (anos iniciais), e se justifica pela necessidade de trabalhar este conteúdo neste nível de ensino.

A nossa prática foi orientada pelos princípios da abordagem crítico-superadora que de acordo Maciel e Maciel (2014) esta não busca a aprendizagem do esporte pelo esporte, e sim a compreensão de que estes conteúdos precisam de um tratamento metodológico diferente, conforme possam ser historicizados criticamente e tomados em sua totalidade enquanto conhecimentos culturalmente produzidos, além de serem direcionados para uma compreensão crítica da realidade que cerca o aluno. Os autores ressaltam que é fundamental destacar a importância desta concepção que busca basear-se num projeto histórico que beneficie a superação das práticas educacionais mecânicas e burocráticas, apoiadas numa reinterpretação e redefinição de valores e normas, e que valorize o apanhado qualitativo da nota com uma avaliação fundamentada na realização coletiva.

De forma geral, a abordagem crítico-superadora busca:

[...] desenvolver uma reflexão pedagógica sobre o acervo de formas de representação do mundo que o homem tem produzido no decorrer da história, exteriorizadas pela expressão corporal: jogos, danças, lutas, exercícios ginásticos, esporte, malabarismo, contorcionismo, mímica e outros, que podem ser identificadas como formas de representação simbólica de realidades vividas pelo homem, historicamente criados e culturalmente desenvolvidas (SOARES et al., 1992, p.39).

Portanto, para melhor compreensão deste estudo o dividimos em alguns tópicos: a metodologia para ressaltarmos os caminhos dessa experiência, os resultados e discussões, em que apontamos as nossas vivências, relacionando-os com alguns estudiosos e, por fim, trataremos as nossas considerações finais, abordando a importância deste relato e dessa experiência para nosso processo formativo.

2 Procedimentos metodológicos

Esta experiência foi realizada numa escola pública da rede municipal da cidade de Guanambi-Ba, em uma turma de 1º ano do Ensino Fundamental do turno vespertino. No

primeiro contato com a turma foi realizada uma observação, no segundo momento duas horas/aulas de socialização e ambientação e na sequência fizemos três intervenções que ocorreram uma vez por semana, as sextas-feiras com duração de duas horas/aulas cada.

Sobre a observação, Gil (2002) afirma que:

Este é o procedimento fundamental na construção de hipótese. O estabelecimento assistemático de relações entre os fatos no dia-a-dia é que fornece os indícios para a solução dos problemas propostos pela ciência. Alguns estudos valem-se exclusivamente de hipóteses desta origem. Todavia, por si sós, essas hipóteses têm poucas probabilidades de conduzir a um conhecimento suficientemente geral e explicativo.

Para maiores contribuições a este estudo utilizamos o diário de bordo, fazíamos registros semanalmente dos acontecimentos e fatos marcantes e relevantes para a nossa formação que ocorriam durante as aulas. De acordo Boszko e Güllich (2016) o diário de bordo é um importante instrumento constituinte e formativo de sujeitos, pois é nele que fazemos as anotações diárias e registros de dados, a qual mais a frente pode nos levar a analisar e refletir nossa prática, repensando nossas ações, observando assim com um olhar mais atento o que deve ser melhorado e/ou mudado e abrindo espaço para pensar o que deverá ser feito, tornando o professor um investigador da sua própria prática pedagógica.

Nesta perspectiva, salientamos que este relato se aproxima da pesquisa-ação que, segundo Engel (2000), tem o propósito de superar a lacuna existente entre a teoria e a prática, pois esta é um tipo de pesquisa participante, podendo ser considerada como “independente”, “não reativa” e “objetiva”, em que se desenvolve o conhecimento e a compreensão como parte da prática, visto que está é uma maneira de realizar uma pesquisa em situações em que também se é uma pessoa desta ação e almeja melhorar sua compreensão, intervindo de modo inovador não só no final da pesquisa, mas também no decorrer de todo este processo.

3 Resultados e discussões

3.1 Estágio supervisionado

O processo de desenvolvimento profissional do docente em formação, requer o seu envolvimento, e sua compreensão acerca das diversas e reais situações com as quais irá se deparar nos mais variados campos de atuação na área escolar. Partindo disto, o principal e o mais relevante elemento dessa formação é o período do estágio. Afinal, é nesta fase que o discente tem a oportunidade de aliar a teoria e a prática, oportunizando a articulação entre ambas, e assim, possibilitar a construção de saberes para sua formação profissional enquanto futuro docente (CORTE E LEMKE, 2015).

O Estágio supervisionado é um componente curricular obrigatório nos cursos de licenciatura, portanto, há uma lei que estabelece e o regula nas instituições de ensino superior. A lei n.º. 11.788/2008, cap. 1, art. 1º caracteriza o estágio como:

[...] Ato educativo escolar supervisionado, desenvolvido no ambiente de trabalho, que visa à preparação para o trabalho produtivo de educandos que estejam frequentando o ensino regular em instituições de educação superior, de educação profissional, de ensino médio, de educação especial e dos anos finais do ensino fundamental, na modalidade profissional da educação de jovens e adultos.

Destarte, a prática do estágio é legitimada e a tornar-se reconhecida nos cursos de graduação, assim compõe parte dos componentes obrigatórios da matriz curricular dos cursos. Vale salientar, a relevância do estágio supervisionado nos cursos de licenciatura como forma de aproximação da futura profissão (GAMA; DELMIRO, 2018).

De acordo Scalabrin e Molinari (2013) o aprendizado é mais eficaz quando é adquirido por meio da experiência, pois é na prática que o conhecimento é assimilado com mais eficiência, tanto que é mais comum ao estagiário recorda-se de atividades durante o período do seu estágio, do que das atividades executadas em sala, enquanto aluno. Na prática, em sala de aula, o estagiário encontra a oportunidade de entender diversos conceitos que lhe foi ensinado teoricamente, por este motivo, o discente deve identificar o estágio como a única chance de colocar em prática com determinação, comprometimento e responsabilidade tudo que vem aprendendo no seu percurso de formação.

Os indivíduos que não tem a oportunidade de atuar no interior da escola possuem conhecimentos superficiais da realidade deste ambiente. Pois, o estágio alicerçado a uma fundamentação teórica proporciona aos futuros professores uma compreensão mais clara do

que acontece no interior das escolas, logo, garante uma adequada intervenção da realidade (PELOZO, 2007).

Conforme Tardif (2010) o estágio supervisionado compõe umas das etapas mais importantes na vida acadêmica dos alunos de licenciatura, e obedecendo as exigências da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), a partir do ano de 2006 estabelece uma proposta de estágio supervisionado com o intuito de oportunizar ao aluno a observação, a pesquisa, o planejamento, a execução e a avaliação de diferentes atividades pedagógicas, proporcionando, assim, uma aproximação da teoria acadêmica com a prática em sala de aula.

Corroborando com isto, Pimenta (2011) diz que todos os alunos e professores entendem o estágio como uma atividade que proporciona a partir da prática, elementos fundamentais para serem objetos de reflexões, de discussão, e principalmente possibilita o conhecimento e a aproximação com a realidade que irão atuar.

Cabral e Angelo (2010) reforça dizendo que o estágio supervisionado é a demonstração do que o acadêmico aprendeu fora dos limites da universidade. É o lugar que o licenciado irá proporcionar crescimento para os seus conhecimentos juntamente com as instituições públicas e privadas, incorporando a teoria e a prática, colaborando para uma verificação de pontos fortes e fracos das organizações, e apresentando possíveis melhorias para as instituições.

Posto isto, “[...] considerar o estágio como campo de conhecimento significa atribuir-lhe um estatuto epistemológico que supere sua tradicional redução à atividade prática instrumental” (PIMENTA; LIMA, 2004, p. 29). As autoras ainda dizem que o estágio pode ser, “[...] a oportunidade de aprendizagem da profissão e da construção da identidade profissional” (PIMENTA; LIMA, 2004, p. 99).

Porém, não se pode considerá-lo como uma instrumentalização técnica, afinal, a sua função deve ir além de ensinar conteúdos e modos de fazer a serem utilizados em situações reais. O estágio e a prática de ensino não garantem uma preparação completa, apenas promove ao futuro educador noções básicas do que é ser professor atualmente, e como é a realidade dos alunos que frequentam a escola. Esse momento de observação e reflexão, através da prática permite que o aluno/estagiário tenha a certeza de sua escolha pela profissão desde o princípio de sua carreira, e se assuma como um profissional politizado. Para que este processo surta efeito, é preciso que as atividades sejam programadas de forma que as mesmas não se distanciem da realidade. Então, é necessário que exista uma intencionalidade e reflexão a respeito do que será desenvolvido (PELOZO, 2007).

É preciso refletir e compreender que o estágio é o momento “teórico” e não “prático” da atividade docente, conforme Pimenta e Lima (2004, p. 56) “[...] o estágio curricular é atividade teórica de conhecimento, fundamentação, diálogo e intervenção na realidade [...]”. Entender que o estágio curricular é atividade teórica de conhecimento e não prática, mostra uma nova forma de pensar o estágio, de compreendê-lo em sua totalidade. As autoras ainda afirmam que “[...] o estágio não se faz por si, envolve todas as disciplinas do curso de formação”, ou seja, é preciso atribuir o desenvolvimento do estágio como uma condição para o conhecimento teórico e prático que buscam ultrapassar a dicotomia existente entre a práxis (SOUZA, 2016).

Souza (2016) ressalta que neste sentido, o Estágio Supervisionado caracteriza-se por ser uma oportunidade desafiadora e estimuladora na procura por soluções de problemas. Tratando-se, de uma possibilidade de descobertas e questionamentos acerca do futuro profissional.

Portanto, o estágio destaca-se por proporcionar a ligação entre o aluno/estagiário e a profissão escolhida. Desse modo, é neste ambiente que o discente conhecerá o espaço escolar de forma mais completa, conhecerá e identificará se de fato esta na profissão desejada, e se esta condiz com as suas expectativas, isto é, neste momento que se concretizará o querer em ministrar aulas, no contexto das licenciaturas, e de contribuir com a produção de conhecimento (GAMA, 2018).

3.2 Observação e apresentação

O estágio em questão foi realizado na turma do 1º ano do ensino fundamental, seu percurso iniciou-se com a primeira atividade de observação de uma aula de Educação Física, com o intuito de compreender a dinâmica das aulas, conhecer sobre qual conteúdo estava sendo trabalhado, assim como, nos aproximar minimamente dos alunos (as). Esta compreensão reflexiva do estágio que envolve a observação, possibilita agregar uma visão investigativa com perspectivas para o crescimento profissional do futuro docente. Os autores Barreiro e Gebran (2006) destacam que:

A observação, a ser realizada na escola e na sala de aula, deve se pautar por uma perspectiva investigativa da realidade, tanto pelo professor de Prática de Ensino quanto pelo futuro docente. Ao mesmo tempo que as observações

servem para compreender as práticas institucionais e as ações na escola, elas balizam as próprias ações do futuro professor, no sentido de facilitar a compreensão da realidade, dos fatos e a sua prática docente, a partir de um olhar crítico e investigativo. (BARREIRO; GEBRAN, 2006, p. 92).

Diante desta concepção, os autores destacam as contribuições que a observação exerce e pode oferecer ao futuro professor no decorrer da sua vida profissional, pois o hábito e a capacidade de observar possibilitam que o docente planeje o trabalho educativo de acordo a realidade, já que, é possível avaliar quando este deve ser mudado e em que sentido, de forma a construir habilidades e competências, abrangente aos alunos da escola (BARREIRO; GEBRAN, 2006). É evidente que, o período de observação no estágio realizado numa perspectiva reflexiva e investigativa pode oportunizar diversas contribuições ao desenvolvimento profissional de futuros professores.

Para a nossa primeira intervenção, elaboramos e propomos um plano de apresentação, socialização e interação com a turma, que consistia em atividades com dinâmicas que proporcionaram este momento. Basicamente as atividades resumia-se nos alunos se apresentarem dizendo quem eram, o que gostavam de fazer e o que não gostavam de fazer. Após isto, os alunos iriam em uma folha em branco desenhar o que mais gostavam de fazer e o que não gostava, sem identificação, recolhemos todos os desenhos e os misturamos e devolvemos aleatoriamente, para que eles tentassem identificar pelo desenho quem era o autor do desenho. Foi uma forma de conhecermos sobre eles, e eles uns aos outros. De acordo Borsa (2007, p.1) “A socialização é um processo interativo, necessário para o desenvolvimento, através do qual a criança satisfaz suas necessidades e assimila a cultura ao mesmo tempo [...]”, ou seja, é a interação entre a criança e seu meio.

Nossa última atividade neste dia foi a realização de uma dinâmica que proporcionou a todos se abraçarem, foi perceptível em alguns momentos que algumas crianças não queriam se abraçar, ou escolhiam a quem abraçar. Neste momento, demos uma pausa, e ressaltamos que todos somos iguais, destacando que independente da amizade entre eles, deveria haver o respeito ao colega e todos tinham que se abraçar. Souza, Tanji e Machado (2011) destacam que a dinâmica escolar proporciona um diferencial no ambiente para os alunos, e pode tanto facilitar o ensino e aprendizagem, bem como promover a criação de vínculos afetivos entre aluno/professor e aluno/aluno.

Consideramos o abraço uma forma de afeto e que através deste é possível na educação criar uma ponte importante para que a criança consiga obter habilidades imprescindíveis no ensino. Aprender por meio da afetividade é reconhecer que cada criança é única e requer muitas vezes um olhar atento do seu professor (CARDOSO, 2015).

3.3 Trabalhando o futebol: relato das aulas

Nossas ações pedagógicas e os conteúdos trabalhados durante o estágio foram determinados pelo plano de ensino da escola, o primeiro conteúdo que tínhamos que desenvolver de acordo com este documento, era o futebol. Elaboramos três aulas com a proposta de desenvolver atividades que contribuíssem para o aprendizado deste esporte. O futebol é a temática do recorte que fizemos das nossas vivências no estágio de intervenção, a qual respalda a construção deste estudo. De acordo com Spudeit (2014) o plano de ensino é que:

[...] norteará o trabalho docente e facilitará o desenvolvimento da disciplina pelos alunos. Além disso, ao elaborar o plano de ensino, o professor deve se questionar: O que eu quero que meu aluno aprenda? Para isso, o plano de ensino deve ser norteadado pelo perfil do aluno que o curso vai formar e também de acordo com as concepções do projeto pedagógico de um curso.

Seguindo nesta direção, a nossa primeira aula com o conteúdo futebol tinha como proposta uma avaliação diagnóstica, a intenção deste plano foi constatar qual era o conhecimento prévio destes alunos a respeito da modalidade esportiva. Através de uma atividade oral, os alunos eram questionados sobre o futebol, ao mesmo tempo que eles iriam falando o que sabiam, nós destacamos palavras-chave ditas por eles no quadro branco e, posteriormente, discutimos a respeito dessas palavras contextualizando com o esporte. De acordo com Luckesi (2005), o professor deve estabelecer para a avaliação uma condição que lhe dê qualidade e base necessária para que as compreensões e mudanças sejam entendidas como um ato diagnóstico, que possibilite identificar quem precisa de ajuda, a que pé anda o conhecimento do aluno a respeito de determinados conteúdos, propor condições de aprendizado que inclua o aluno na construção deste conhecimento e, assim, relacionar suas experiências de vida com variadas aulas e proporcionar condições de aprendizado para este aluno aprender o que ainda não sabe.

Foi notável a desenvoltura dos meninos diante as meninas quando questionados a respeito do que eles conheciam sobre o futebol, o número de falas deles foram bem maiores do que as delas, apesar de todos terem participado da atividade. Na maioria das vezes, elas costumavam repetir palavras e falas que os meninos já haviam compartilhado.

Cabe destacar que o futebol é a modalidade esportiva mais popular no Brasil, e isto com certeza se faz presente na escola. É habitual encontrarmos as aulas de Educação Física reduzidas as práticas esportivas, e como na maioria das vezes, destaca-se o futebol. Em virtude disto, é possível afirmar que os discursos hegemônicos são, quase sempre, reproduzidos e espalhados pela instituição de ensino e, conseqüentemente, este atual currículo privilegia algumas representações culturais em detrimento de outras e, assim, possibilita que grupos excluídos socialmente não tenham voz ativa nesse currículo. “Os diferentes tentam afirmar suas identidades, porém, deparam-se com os discursos provindos de setores privilegiados que lhes conferem estigmas e estereótipos pejorativos” (NEIRA; NUNES, 2009, p. 19).

Nossa segunda intervenção com o conteúdo futebol foi elaborada envolvendo algumas noções básicas e regras do futebol, basicamente trabalhamos a troca de passes, marcação, defesa e o gol. Foram propostas brincadeiras e jogos (adaptados) que envolviam tais características, com o intuito de fazê-los conhecer algumas noções básicas quanto a modalidade. Todos participaram da aula, o nosso único empecilho foi o fato de algumas atividades envolverem divisão de equipes e, na hora de separar essas equipes, os alunos desejarem escolher os colegas que eles mais tinham aproximação, no caso, os escolhidos eram o que demonstravam para eles terem mais habilidade com o futebol e isso, claro, não envolvia as meninas. Então, optamos por nós mesmas dividirmos as equipes, distribuindo as meninas de forma igual em ambos os grupos. Além disso, salientamos que existem muitas mulheres que jogam muito bem o futebol.

Bela (2009) diz que, para o desenvolvimento do esporte atendendo a ludicidade, o jogo oportuniza condições necessárias, afinal é possível a sua adaptação de regras, espaço, material, número de participantes, além de se tornar uma atividade prazerosa. O jogo também estimula a capacidade cognitiva e a ludicidade, fazendo com que os envolvidos planejem, discutam com os demais uma ação, recordando de situações já vividas em seu dia a dia e, assim, possibilita a escolha da solução mais apropriada para aquele momento, e para atingir o objetivo do jogo. A autora salienta dizendo que “O jogo, contextualizado ludicamente,

transforma o ambiente de ensino-aprendizagem em um momento extremamente produtivo e criativo, estimulando a autonomia dos alunos” (BELA, 2009, p. 09).

A última aula envolvendo o futebol foi sobre alguns fundamentos e a prática da modalidade, ainda através de jogos e brincadeiras (adaptadas) propomos uma aula que envolvia a condução de bola, drible, gol e defesa. A brincadeira é uma atividade natural da vida humana, pois proporciona alegria, liberdade e contentamento. É quando a criança desempenha ações concretizando as regras do jogo, e mergulhando no lúdico. É possível dizer que é a ludicidade em ação. Além disto, permite que a criança reviva suas alegrias, seus conflitos e medos, resolvendo do seu jeito e transformando a realidade (NALLIN, 2009).

A autora descreve que nas brincadeiras coordenadas o professor tem a função de mediador, e deve proporcionar a socialização do grupo, a integração e participação de todos, ressaltando atitudes de aceitação, respeito, confiança e conhecimento mais abrangente da realidade cultural e social. Além disto, oportuniza situações de aprendizado específicos e a conquista de novos conhecimentos, concedendo oferecendo condições para que a criança explore diversos objetos, materiais e brinquedos. Por isso, é fundamental que o professor planeje e tenha na sua proposta os objetivos a serem alcançados, assim como o tempo e espaço que as brincadeiras devem acontecer. “Para que os jogos e brincadeiras ajudem no processo de construção do conhecimento, devemos incluir atividades que favoreçam a troca de sugestões e opiniões das questões e criar situações para o desenvolvimento da autonomia.” (NALLIN, 2009, p.16).

Todas as intervenções sobre futebol tiveram de ser realizadas em sala de aula, apesar da escola possuir uma quadra poliesportiva, não conseguimos utilizá-la em nenhuma de nossas aulas, pois a escola oferta três níveis de ensino, a educação infantil e o ensino fundamental (anos iniciais e finais), e como a esta não dispunha de uma organização quanto a isso em relação a divisão e marcação de horários, todas as vezes que tentávamos fazer uso da quadra a mesma já se encontrava ocupada, e sempre pelos os alunos e professores do ensino fundamental (anos finais). De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases (LDB), lei nº. 9.394/1996, o Estado tem o dever de garantir “[...] padrões mínimos de qualidade de ensino definido como a variedade e quantidade mínimas, por aluno, de insumos indispensáveis ao desenvolvimento do processo de ensino aprendizagem”.

Desta forma, enquanto lugar de apropriação da cultura, a escola deve priorizar um parâmetro com estruturas de qualidade, com o intuito de garantir a transmissão dos conteúdos. Silva e Damázio (2008) destacam que nas escolas a ausência ou precariedade do espaço físico

para a realização das aulas de Educação Física podem ser observadas sob dois aspectos: o desprestígio social desta disciplina, a desvalorização de sua relevância no desenvolvimento integral do aluno e o descaso das autoridades para com a educação voltada as camadas populares.

Em todas as aulas ao final das atividades tínhamos um momento de volta a calma, com alongamentos e atividades que proporcionaram momentos de relaxamento. Padilha e Pieta (2014) destacam que a atividade de volta a calma é essencial no contexto escolar, tanto para o retorno confortável dos alunos para a sala de aula, quanto para prevenir possíveis acontecimentos fisiológicos indesejados.

Quanto as nossas avaliações, todas foram realizadas através da participação, interação e interesses dos alunos nas atividades propostas, além de observarmos tudo durante a realização das atividades, sempre ao final de cada aula fazíamos uma roda de conversa para, assim também, contribuir com o processo avaliativo e obtermos um *feedback* quanto ao que desenvolvíamos com a turma.

Segundo Silva (2012), o objetivo da roda de conversa é:

Um aprendizado mútuo com a troca de experiências. É sempre compartilhar um fato, seja ele bom ou ruim, uma inquietude ou uma satisfação, uma dúvida ou afirmação, descoberta ou indignação, decisão ou uma solução, ou seja, independente de qual for o motivo, ela sempre levará à aprendizagem pela troca e reconstrução de conceitos dos participantes.

Dessa forma, o principal objetivo da criação da roda de conversa, de acordo seus precursores, é a valorização incondicional do aluno, o respeito e amor a ele. Pois, é por meio da expressão, do argumento, ouvir, falar, participar, que se busca contribuir para o exercício da autonomia e democracia. “É saciando a curiosidade e não a matando-a.” (SILVA, 2012, p. 54).

Enquanto prática avaliativa o *feedback* é um instrumento capaz de detectar lacunas e, ao mesmo tempo, apresentar resultados e saídas para as dificuldades explicitadas pelos estudantes, da mesma forma, oportunizar avanços nas ferramentas metodológicas e possíveis acertos nos conteúdos programáticos, tal qual na estrutura curricular (BORGES *et al.*, 2014).

4 Considerações finais

O estágio é uma experiência de fundamental importância para nós estudantes, principalmente diante o contexto da nossa formação em licenciatura. Ter a possibilidade de intervir no espaço que se caracteriza como nosso campo de atuação, é muito mais que relevante para o nosso processo formativo, é uma das ferramentas que consideramos indispensável para a valorização da práxis, uma vez que esta aproximação com os alunos, professores, e toda a instituição pública de ensino, nos faz pensar e refletir sobre nossas ações, dando-nos maior base de conhecimento para futuras atuações pedagógicas.

Portanto, frente de tudo que foi relatado e discutido neste estudo reafirmamos a relevância da aproximação dos estagiários com o campo de atuação, pois essa aproximação com a realidade abordada marca e enriquece nossos conhecimentos para nossas futuras ações. Conhecimentos estes que serão transformadores de novas concepções e estão diretamente ligados ao que poderemos desenvolver em nossas atividades como docentes neste campo de atuação profissional.

Salientamos ainda necessidade de se trabalhar o futebol no Ensino Fundamental, visto que este não deve ser tratado apenas como um passatempo, pois ele auxilia no processo de socialização, bem como, no processo de aprendizagem e de desenvolvimento social, afetivo, cognitivo, psicomotor e intelectual das crianças. O professor deve se atentar para as diversas formas de se trabalhar o futebol, proporcionando ao aluno a vivência e aproximação a este conteúdo, trabalhando com a teoria e prática lado a lado, na busca por despertar o seu interesse. Visto que este, deve criar sempre possíveis situações para que seus alunos trabalhem em conjunto, sem restrição alguma, respeitando as limitações e individualidades de cada um.

REFERÊNCIAS

BARREIRO, I. M. F. B; GEBRAN, R. A. **Prática de Ensino e Estágio Supervisionado na Formação de Professores**. São Paulo: Avercamp. 2006.

BELA, Tânia Ludinete Celeti da Silva. **Educação Física Escolar: O Jogo como ferramenta didática para o desenvolvimento do Esporte**. Curitiba: SEED/PR. 2009.

BORGES, M.C. et.al. **Avaliação Formativa e aprendizado na saúde.** Medicina. Ribeirão Preto. 2014.

BORSA, Juliane Callegaro. **O Papel da Escola no Processo de Socialização Infantil.** 2007. Disponível em: < <http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0351.pdf>>. Acesso em: 19 de nov. 2018.

BOSZKO, Camila; GULLICH, Roque Ismael da Costa. **O diário de bordo como instrumento formativo no processo de formação inicial de professores de ciências e biologia.** Biografia escritos sobre la biologia y su enseñanza. Vol. 9-No. 17, Julio-Diciembre de 2016. ISSN 2027-1034. Pp. 55-62. Disponível em: < <http://revistas.pedagogica.edu.co/index.php/bio-grafia/article/view/5812/4796> >. Acesso em: 26 de junho de 2018, às 20h30min.

BRASIL. LEI 9.394, 20 de dezembro de 1996. **Estabelece as Diretrizes e bases da Educação Nacional.** Diário Oficial, Brasília, DF, nº 248, p. 27.833-27.84, 1996.

_____. (1998). **Parâmetros curriculares nacionais: Educação Física.** Secretaria de Educação fundamental. Brasília: MEC/ SEF, 1998.

_____. Lei n. 11.788, de 25 de setembro de 2008. **Dispõe sobre o estágio de estudantes; altera a redação do art. 428 da Consolidação das Leis do Trabalho (CLT).** Diário Oficial da União, Brasília, DF, 26 set. 2008.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: Educação física** / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997.

CABRAL, V. L. A. & ANGELO, C. B. **Reflexões sobre a importância do estágio supervisionado na prática docente.** VI EPBEM – Monteiro, PB – 09, 10 e 11 de novembro de 2010. Disponível em: < <https://www.yumpu.com/pt/document/view/12531777/reflexoes-sobre-a-importancia-do-estagio-sbem-pb>>. Acesso em: 20 nov. 2018.

CALISTO, Michael Wesley de Sousa. **PEDAGOGIA DO ESPORTE: futebol não é passatempo, futebol é um meio educacional.** Monografia do curso de Pedagogia da Faculdade de Pará de Minas. Pará de Minas, 2016.

CARDOSO, Michelle Gertrudes. **A importância da afetividade na educação infantil.** Monografia do curso de Graduação em Pedagogia da Universidade Estadual de Paraíba, Centro de Educação, 2015.

CORTE, Anelise C. Dalla. LEMKE, Cibele K. **O Estágio supervisionado e sua importância para a formação docente frente aos novos desafios de ensinar.** Disponível em: <http://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/22340_11115.pdf>. Acesso em 20 de nov. de 2018.

ENGEL, Guido Irineu. **Pesquisa-ação. Educar.** Curitiba: Ed. da UFPR. n. 16, p. 181-191. 2000.

GAMA, Livia Tahysa Santos de Albuquerque, DELMIRO, Klévia Lima. **Prática docente no ensino fundamental: reflexões sobre o estágio supervisionado iii no curso de geografia licenciatura EaD da universidade federal de Alagoas – UFAL.** I Colóquio Internacional de Educação Geografia. 2018.

GIL, Antônio Carlos, 1946- **Como elaborar projetos de pesquisa-** 4. ed. - São Paulo: Editora Atlas, 2002.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da Aprendizagem Escolar: estudos e proposições -** 17 ed.-São Paulo: Cortez, 2005.

MACIEL, Rochele Andrezza; MACIEL, Ubirajara Kamos. **O Esporte na Perspectiva Crítico-Superadora.** Universidade de Caxias do Sul. Esporte e Lazer na Comunidade Fátima, 2014. Disponível em: https://www.uces.br/site/midia/arquivos/artigo_esp_lazer.pdf.

NALLIN, Claudia Góes Franco. **Memorial de Formação: o papel dos jogos e brincadeiras na Educação Infantil.** Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade Estadual NEIRA, M. G.; NUNES, M. L. F. Educação física, currículo e cultura. São Paulo: Phorte, 2009.

NEIRA, M. G.; NUNES, M. L. F. **Educação física, currículo e cultura.** São Paulo: Phorte, 2009.

PADILHA, Sergio Leite; PIETA, Silvia Aparecida. **A influência da atividade de volta à calma para a melhoria do aprendizado em crianças do ensino fundamental.** Disponível em: <http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/2011/educacaofisica/artigo/a_influencia_volta_calma.pdf> Acesso em 19 de nov. de 2018.

PELOZO, Rita de Cássia Borguetti. **Prática de Ensino e o Estágio Supervisionado enquanto mediação entre ensino, pesquisa e extensão.** Revista Científica Eletrônica de Pedagogia, Ano V, n10, Jul de 2007. Disponível em:

<http://faef.revista.inf.br/imagens_arquivos/arquivos_destaque/J3yAMQWorvNVHM6_2013-6-28-15-23-42.pdf> Acesso em 19 de nov. de 2018.

PIMENTA, Selma Garrido. **O estágio na formação de professores: unidade teoria e prática?** 10. Ed. São Paulo: Cortez, 2011.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e docência.** São Paulo: Cortez, 2004.

SCALABRIN, I.C.; MOLINARI, A. M. C. **A importância da prática do estágio supervisionado nas licenciaturas.** Revista Científica, Araras, v. 7, n. 1, p. 1-12, 2013.

SILVA, Adriana da. **A roda de conversa e sua importância na sala de aula.** Trabalho de conclusão de curso (licenciatura - Pedagogia) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências de Rio Claro. Rio Claro: [s.n.], 2012.

SILVA, Maria Fatima Paiva; DAMAZIO, Márcia Silva. **O ensino da educação física e o espaço físico em questão.** *Pensar a Prática*, v. 11, n. 2 (2008).

SOARES, C. L.; TAFFAREL, C. N. Z.; VARGAL, E.; FILHO, L. C.; ESCOBAR, M. O.; BRACHT, V. **Metodologia do ensino de educação física.** São Paulo: Cortez, 1992.

SOUZA, Chryslane dos Santos. **Estágio Supervisionado: Desafios e Contribuições no processo de formação docente.** III Conedu, 2016.

SOUZA, Jhanislei; TANJI, Jéssica; MACHADO, Beatriz. **A influência da dinâmica de grupo no ambiente escolar do ensino fundamental.** *Anais Eletrônico VIII EPCC – Encontro Internacional de Produção Científica Cesumar* CESUMAR – Centro Universitário de Maringá Editora CESUMAR Maringá – Paraná – Brasil VII EPCC, 25 a 28 de outubro de 2011.

SPUDEIT, Daniela. **Elaboração do plano de ensino e do plano de aula.** Rio de Janeiro, Fevereiro/2014.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional.** 10.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.